

As formas literárias da filosofia: mulheres e escrita na França moderna

Mary Emily Mattoso Silva Suzano

Mestranda em Filosofia na PUC-Rio

119

Bolsista da CAPES

<http://lattes.cnpq.br/8666278856141079>

maryemilym@gmail.com

Os salões literários eram instituições não-oficiais fundamentais para os círculos intelectuais da França seiscentista. Diferentemente das academias, não eram controlados pela Monarquia e acolhiam tanto homens quanto mulheres (Zechlinski, 2002, p. 65). No contexto da França do Antigo Regime, o salão foi uma invenção feminina. Suas idealizadoras, as *salonnières*, constituíam um grupo seletivo de mulheres instruídas e cultas, que desejavam participar dos debates antes restritos às academias (Martins, 2007, p. 59).

A popularização dos salões e de suas anfitriãs deu origem ao que DeJean denomina "escrita de salão", um fenômeno que se manifestou na escrita de romances, na troca de correspondências e nos contos de fadas (DeJean, 1991, p. 5). Em vista disso, o romance era visto como um gênero influenciado pelas mulheres e pela cultura dos salões na literatura. Na França, o romance teve uma origem feminista, desempenhando um papel crucial no desenvolvimento e na propagação de ideias protofeministas (Zechlinski, 2022, p. 253).

Do mesmo modo, os contos de fadas foram grandemente impulsionados pelas *salonnières*, mesmo a nomeação do gênero é uma criação feminina (Benureau, 2009, p. 25). Vários contos que conhecemos hoje, como Cinderela e Rapunzel, são fruto desse fenômeno. As autoras os utilizaram para criticar as normas sociais e os papéis de gênero. Elas expressaram ceticismo em relação ao casamento, além de questionarem a hegemonia masculina na sociedade e nas tradições literárias (Benureau, 2009, p. 79-81).

Houve resistência à ascensão dessas escritoras e aos gêneros que elas popularizaram. Os romances eram vistos como uma força perigosa de corrupção social, acusados de degradar os padrões literários e de “feminizar” a literatura e a cultura (DeJean, p. 90). Igualmente, os contos de fadas foram criticados por suas narrativas

“infantis”, repletas de aventuras amorosas e, sobretudo, pela predominância de heroínas mulheres. (Benureau, 2009, p. 32).

Considerando que estavam vedadas à possibilidade de uma educação formal, essas mulheres inventaram novas formas discursivas de elaborar seus pensamentos (Zechlinski, 2022, p. 67). Impedidas de redigir, por exemplo, um tratado sobre a moral, elas conseguiam, no entanto, imbuir suas obras de discussões morais e políticas. Portanto, a contestação desses gêneros literários não se restringia à mera disputa pela tradição literária francesa, visto que as críticas não se limitavam à forma ou ao conteúdo do texto, questionavam também a autoria, o gênero de suas autoras.

120

Palavras-chave: Salões literários. Autoria. Gênero. Literatura. Filosofia.

Bibliografia

BENUREAU, E. *Le conte de fées littéraire féminin de la fin du XVIIe siècle*. Mémoire présenté comme exigence partielle de la maîtrise en études littéraires. Université du Québec à Montréal. 2009.

DEJEAN, J. *Tender Geographies Women and the Origins of the Novel in France*. New York: Columbia University Press, 1991.

MARTINS, A. P. V. Da amizade entre homens e mulheres: cultura e sociabilidades nos salões iluministas. *História: Questões & Debates*, Editora UFPR, n. 46, p. 51-67, 2007.

ZECHLINSKI, B. P. “*Quero ver minhas obras saindo da prensa*”: mulheres e livros na França do Antigo Regime. Teresina: Cancioneiro, 2022.